

RESUMOS DA FUNDAÇÃO ► 6

Identidades religiosas na Área Metropolitana de Lisboa

Alfredo Teixeira, coordenação

- A coleção Resumos da Fundação pretende levar até si as ideias-chave dos Estudos da FFMS, de uma forma sintética, linear e clara. Para quem gosta da conclusão mais perto do início.

Identidades religiosas na Área Metropolitana de Lisboa

Alfredo Teixeira, coordenação

Helena Vilaça

Jorge Botelho Moniz

José Pereira Coutinho

Margarida Franca

Steffen Dix



Largo Monterroio Mascarenhas, n.º 1, 7.º piso
1099-081 Lisboa
Telf: 21 001 58 00
ffms@ffms.pt

Director de publicações: António Araújo
Director da colecção Resumos da Fundação: João Tiago Gaspar
Título: Identidades religiosas na Área Metropolitana de Lisboa
Coordenação: Alfredo Teixeira
Revisão de texto: João Ferreira
Design: Inês Sena
Paginação: Guidesign
Impressão e acabamento: Guide Artes Gráficas

© Fundação Francisco Manuel dos Santos e os autores
Dezembro de 2018

ISBN: 978-989-8943-37-8

As opiniões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade dos autores e não vinculam a Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Os autores desta publicação adoptaram o novo Acordo Ortográfico.

A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada aos autores e ao editor.

Identidades religiosas na Área Metropolitana de Lisboa

Introdução	9
1. Uma paisagem religiosa diversificada	11
2. Uma geografia das identidades	23
3. Sociabilidades e estilos de vida	29
4. Crenças, atitudes e valores	37
5. Práticas orantes e práticas culturais	41
Conclusão	49
Nota técnica	55
Abreviaturas	57
Glossário	58
Para saber mais	59
Autores	61

Introdução

De acordo com o Inquérito *Identidades religiosas em Portugal*, de 2011 (CERC-CESOP), coordenado por Alfredo Teixeira, o pluralismo religioso, no território português, está muito concentrado na Área Metropolitana de Lisboa. Mais de metade da população não crente (55,2%) encontra-se nesta região. A Área Metropolitana de Lisboa reúne 62,2% dos inquiridos pertencentes a uma denominação protestante (incluindo os evangélicos). Reúne ainda 51% das Testemunhas de Jeová e 61,5% dos pertencentes a outras religiões. Também nessa região se verifica a percentagem mais elevada de outros cristãos (47,2%) e de crentes sem religião (43,5%). Ou seja, à escala do país, a região apresenta uma singular experiência de diversidade quanto às posições face à religião e aos tipos de pertença ou não-pertença religiosa. Nessa singularidade, a região pode ser lida como um «laboratório» da diversidade religiosa em Portugal. Neste estudo, por meio de um efeito de *zoom*, procura-se uma melhor definição dos contornos da paisagem religiosa na Área Metropolitana de Lisboa.

Boa parte das teses sobre a religião nas sociedades com uma maioria católico-romana, determinada histórica e culturalmente, concentra-se na observação da erosão da prática religiosa e no exame dos debates ideológicos acerca de questões morais. O presente estudo pretende privilegiar o conhecimento das interfaces que relacionam o fenómeno

de diversificação religiosa e as dinâmicas sociais que o contextualizam: práticas de fim de semana, quotidianos, sociabilidades, mobilidades, valores e expectativas.

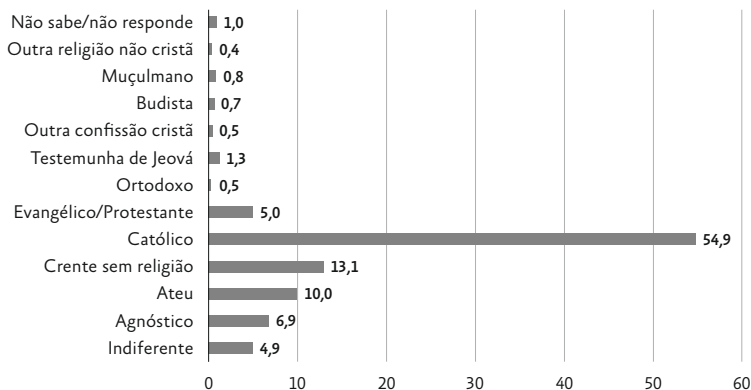
1. Uma paisagem religiosa diversificada

Posições religiosas

O estudo sobre as *Identidades Religiosas em Portugal*, realizado em 2011, já tinha revelado que Lisboa e Vale do Tejo se apresentava como a região onde a identidade católica apresentava uma maior erosão, a seguir ao Algarve. Por se concentrar exclusivamente nesta região, o presente estudo permite uma melhor definição dos contornos da diversidade religiosa na Área Metropolitana de Lisboa.

Os dados apurados acerca dos católicos confirmam o que se tinha observado no inquérito de 2011, porventura com um maior grau de definição, permitindo sugerir que estamos perante uma tendência de diminuição da sua importância relativa. Ainda que mais de metade da população se declare católica (54,9%), o peso relativo dos indivíduos que declaram não pertencer a nenhuma religião é cada vez mais significativo, situando-se em quase 35%. Dentro deste grupo, o peso dos indivíduos não crentes ascende aos 21,8% e o grupo dos crentes sem religião – categoria de uso recente nos estudos sociológicos – continua a afirmar-se, atingindo os 13,1%.

Figura 1. Posições religiosas na Área Metropolitana de Lisboa, em percentagem



Fonte: *Identidades religiosas na Área Metropolitana de Lisboa* (CITER 2018)

Se, por um lado, não é possível estabelecer uma comparação linear com os resultados do estudo *Identidades Religiosas em Portugal* (2011), uma vez que aí se tratava de uma amostra representativa da população de Portugal continental, por outro lado, não existe um estudo anterior que tenha tido por base uma amostra da Área Metropolitana de Lisboa. Em todo o caso, deve mencionar-se que, àquela data, na então nomeada Região de Lisboa e Vale do Tejo, os católicos constituíam 67,6% do conjunto dos respondentes, os sem religião 22,2%, e os crentes sem religião 6,1%. O facto de, na Área Metropolitana de Lisboa, este último grupo apresentar, no presente estudo, uma das mais elevadas taxas de crescimento, indicia que a constituição de conjuntos de indivíduos que se definem como crentes, mas que se encontram desvinculados de qualquer forma de pertença religiosa, se poderá tornar um fenómeno social cada vez mais relevante.

Ainda que estatisticamente não seja tão expressivo, 9,2% dos indivíduos declaram uma identificação religiosa não católica. As minorias religiosas na Área Metropolitana da Lisboa apresentam, aqui, um peso percentual semelhante ao do estudo de 2011 na Região de Lisboa e Vale do Tejo (9,6%). Uma análise mais particularizada dos vários grupos parece indicar que, em alguns deles, pode existir até um ligeiro decréscimo, fruto dos efeitos de remodelação das identidades nas segunda e terceira gerações e das dinâmicas dos fluxos migratórios. Os grupos mais ativos, como uma boa parte dos evangélicos, revelam melhores condições de autorreprodução e de crescimento. As Testemunhas de Jeová, apesar do seu forte pendor proselitista, parecem apresentar dificuldades de afirmação nos novos contextos urbanos e cosmopolitas. A percentagem de budistas acaba por justificar uma observação autonomizada, ultrapassando a tendência para a sua invisibilidade em estudos anteriores. Neste estudo, o seu peso é equiparável ao dos muçulmanos e, sublinhe-se, os seus adeptos não são todos imigrantes oriundos de países asiáticos. Tal poderá explicar-se por se tratar de uma religião cujos princípios se coadunam facilmente com muitas das atuais tendências espirituais, com capacidade para atrair indivíduos urbanos e escolarizados, tal como tem vindo a ser revelado por outros estudos.

Neste inquérito perguntou-se aos respondentes que têm uma religião se desempenham alguma tarefa nas suas comunidades de pertença religiosa. Os níveis de participação são mais elevados nos grupos religiosos que mais cresceram na última década. Ou seja, o peso relativo em cada universo religioso de crentes, comunitária e institucionalmente ativos,

tem uma correlação positiva com a sua capacidade de afirmação social. Estes indicadores dependem do tipo de *habitat* institucional religioso – por exemplo, muito formalizado, no caso das Testemunhas de Jeová, e muito informal, no caso de muitas Igrejas evangélicas.

Socialização religiosa

Em termos gerais, 2/3 da população em estudo, segundo esta amostra representativa, conheceu algum tipo de ensino religioso na escola. A larga maioria da população inquirida contactou com formas de transmissão religiosa em contexto escolar, o que contribuirá para a manutenção de um nível mínimo de literacia religiosa, apesar de existirem diferenças significativas entre gerações. Este perfil tem um peso menor na caracterização dos indiferentes (49,8%) e dos evangélicos/protestantes (51,6%). Contudo, é entre os agnósticos que esta memória apresenta o impacto relativo mais pronunciado (78%), sendo, inclusivamente, mais elevado do que entre os católicos (70,6%).

Cerca de 2/3 da amostra tinha pai católico, durante a infância. Esta ascendência nota-se, como seria de esperar, entre os católicos (81,5%), mas também entre os indivíduos sem religião – com maior incidência nos indiferentes (55,6%) –, e nos evangélicos/protestantes (36,4%). Sendo assim, existe uma percentagem maior de evangélicos/protestantes com pai católico, durante a infância, do que com pai evangélico/protestante (30,5%). A presença de uma mãe católica na infância é ainda mais saliente, abrangendo mais de 3/4 da população inquirida. Reproduz-se a mesma tendência quando observamos católicos

(94,9%) e evangélicos/protestantes (41,2%) – havendo, neste caso, uma ligeira prevalência da presença de mãe evangélica/protestante (42,7%)

Sublinhe-se, também, que a prevalência desta memória familiar católica não corresponde ao perfil do católico sem qualquer prática cultural comunitária, uma vez que 83,8% dos pais tinham uma prática cultural semanal e 55,9% uma prática diária de oração. No caso das mães, 82,8% e 63,6%, respetivamente. Embora com algumas diferenças, tanto os indivíduos sem religião como os que declaram pertencer a uma religião têm uma memória parental, onde a subsistência de comportamentos religiosos é notória. Sendo influente, essa memória não se reproduziu necessariamente. Estes dados remetem para a complexidade própria das trajetórias de vida, nas sociedades atuais, contexto em que a reprodução de uma identidade religiosa familiar conta com fatores de maior imprevisibilidade. No entanto, pode dizer-se que, em grande medida, para além dos católicos, os sem religião, as Testemunhas de Jeová e, em menor número, os evangélicos/protestantes, têm uma ascendência católica.

Os indivíduos sem religião não constituem um conjunto homogéneo na Área Metropolitana de Lisboa. À exceção dos agnósticos (2,4%), mais de um décimo reproduz a posição dos seus familiares e respetivo contexto de socialização. Entre os indivíduos sem religião, destacam-se os crentes sem religião (16,5%), que cresceram num quadro familiar já sem vínculos a uma instituição religiosa. Considerando a exiguidade das minorias religiosas, certamente que essa desfiliação herdada dirá respeito à Igreja católica romana.

No que concerne à instrução religiosa dada aos filhos, iniciativas desenvolvidas pela própria comunidade religiosa destacam-se entre os evangélicos/protestantes e indiferentes. A opção pela escola destaca-se no conjunto dos católicos e dos ateus. A ausência de instrução religiosa destaca-se nos indiferentes e ateus (que apresentam percentagens maiores no geral). Entre os evangélicos/protestantes encontramos o mais elevado índice de mobilização dos pais para a instrução religiosa dos filhos. Observe-se ainda que, excetuando os indiferentes, uma parte significativa dos sem religião continua a facilitar ou a promover a passagem dos seus filhos pelos dispositivos comunitários de instrução religiosa.

Itinerários de identificação

As alterações de posição religiosa ao longo da vida não são particularmente relevantes. 50,4% da população inquirida não conheceu qualquer alteração da sua posição religiosa. A alteração mais acentuada diz respeito às pessoas que deixaram de ser praticantes mas que continuaram a acreditar (23,8%). O abandono da pertença católica e a afiliação noutra confissão é relevante no caso dos evangélicos/protestantes (33,9%), das Testemunhas de Jeová (46,7%) e dos budistas (37,5%). Como seria de esperar, é entre os não crentes que encontramos o maior registo de trajetórias em que se deixou de praticar, acreditar e pertencer a qualquer religião – indiferentes (24,1%), agnósticos (40,5%), ateus (40%). Observe-se ainda que são residuais as situações em que a alteração de trajetória tenha passado pela afiliação católica (0,9%).

A justificação da posição face à religião enquanto convicção pessoal é um fator mais determinante entre os ateus e os agnósticos, sendo menos relevante no caso dos crentes sem religião. A discordância face à doutrina e aos códigos morais religiosos está entre os principais motivos que justificam a posição dos sem religião (crentes e não crentes). São os agnósticos que mais claramente se manifestam nesse sentido. No entanto, somente 8,8% dos agnósticos e 7,2% dos crentes sem religião declaram não se interessar por religião. Isto vai ao encontro de observações recorrentes noutros estudos, que demonstram que o debate sobre a religião e a sua presença na cena pública têm vindo a aumentar, apesar do declínio da pertença, prática e crença religiosas na Europa.

No que diz respeito às identidades de pertença religiosa, o estudo procurou compreender até que ponto estes respondentes consideram verosímil um cenário de mudança de posição religiosa. Considerando todos aqueles que possuem uma identificação religiosa, as Testemunhas de Jeová, os muçulmanos e os evangélicos são aqueles que consideram mais provável a manutenção da sua identificação. Os muçulmanos estão também entre aqueles que menos equacionam a possibilidade de transitar para outra comunidade religiosa, sendo a discordância quase total. Os católicos e ortodoxos são menos renitentes à mudança, ainda que essa possibilidade seja bastante baixa. É entre os pertencentes a «outra confissão cristã» e nos budistas que encontramos uma maior predisposição para a mudança, o que indicia que este é um terreno mais propenso a indivíduos próximos do perfil do «buscador» espiritual.

Militâncias

Os evangélicos/protestantes destacam-se como sendo o grupo religioso com uma militância religiosa mais forte, já que cerca de 40% referem estar envolvidos em grupos dentro das suas comunidades. A seguir a estes, são os membros de outra confissão não cristã (36,9%) e outros cristãos (35,4%) aqueles que apresentam a participação comunitária mais elevada. Mais abaixo encontram-se as Testemunhas de Jeová (25,5%) e os budistas (23,3%). Tendencialmente, há uma correlação positiva entre o envolvimento comunitário e as dinâmicas de crescimento dos grupos religiosos.

Nesta amostra nenhum respondente ortodoxo revelou qualquer indício de participação na vida interna da comunidade – para isso contribuirá o facto de não existirem, em muitos casos, comunidades de referência. A taxa é baixa também entre os muçulmanos (7,9%) e os católicos (10%). Na situação particular do catolicismo, o fraco envolvimento comunitário, em termos relativos, é um traço típico de Igrejas que foram monopólios religiosos – o mesmo acontece com o luteranismo nos países nórdicos. Todavia, esta situação ajuda a explicar as dificuldades de transmissão religiosa ao longo das últimas décadas, numa sociedade cada vez mais marcada por uma cultura de emancipação do indivíduo, onde as lógicas de oferta plural de sentidos e vivências religiosas se sobrepõem a lógicas de «obrigação» comunitariamente enquadradas (como acontece com as observâncias rituais).

Inclusivismo e exclusivismo quanto à verdade religiosa

Um terço dos católicos encontra verdade em todas as religiões e 36,1% em muitas religiões. Apenas 6,5% dos católicos manifestam uma visão particularista, afirmando que só a sua religião é verdadeira. Tendo em conta que se trata do grupo social mais complexo, na sua condição de identidade maioritária, esta posição explicar-se-á a partir de dinamismos internos, que decorrem da abertura ao espírito ecuménico, particularmente relevantes desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), e da influência de sensibilidades pós-modernas que pressõem a inviabilidade da verdade absoluta.

As Testemunhas de Jeová apresentam-se como a identidade mais particularista, dado que para 24,1% destas só a sua religião é verdadeira. Porém, é surpreendente que mais de um terço dos membros deste grupo afirme que todas as religiões (16,7%) ou muitas religiões (19,1%) são verdadeiras. Mais uma vez se constata uma erosão de um traço próprio das Testemunhas de Jeová: o da rutura com o meio social envolvente, habitualmente lido como indiciando a presença de um perfil sectário, sob o ponto de vista da análise sociológica. Também se constata que quase 30% dos muçulmanos consideram que todas as religiões são verdadeiras e que apenas 17,7% afirmam que só a sua religião é verdadeira. Perante estes resultados, é possível afirmar que todos os grupos religiosos são influenciados pelo paradigma pluralista envolvente, mesmo quando são consideradas identidades religiosas de tendência mais exclusivista.

Os dados observados permitem apurar que os evangélicos são os menos universalistas, dado que somente 14,5% consideram que todas as religiões são verdadeiras. Em contrapartida, apenas 3,9% veem a sua religião como detentora do monopólio da verdade. Por um lado, os dados indicam que, neste universo religioso, a diversidade interna será fortemente determinante da posição dos crentes quanto à crença numa verdade exclusiva. Por outro lado, tendo em conta um certo pragmatismo religioso, prevalente em parte destas denominações religiosas, pode esperar-se que muitos destes crentes não estejam habituados a pensar na religião a partir da ótica da verdade – interessando mais os resultados práticos, no quotidiano, do que a coerência intelectual.

Ideias-chave

- »» 55% da população declara-se católica, 9% pertence a outra confissão e 35% afirma não pertencer a nenhuma religião. O peso relativo deste último grupo tem vindo a reforçar-se.
 - »» Cerca de 2/3 da amostra tinha pai católico. A presença de uma mãe católica na infância abrange mais de 3/4 da população inquirida.
 - »» 50,4% da população inquirida não conheceu qualquer alteração da sua posição religiosa ao longo da vida. 23,8% deixou de ser praticante, mas continuou a acreditar.
 - »» 40% dos evangélicos/protestantes estão envolvidos em grupos dentro das suas comunidades.
 - »» 1/3 dos católicos encontram verdade em todas as religiões e 36,1% em muitas religiões.
-

2. Uma geografia das identidades

As posições religiosas têm uma distribuição desigual, na Área Metropolitana de Lisboa, quando observamos esta região a partir de três grandes áreas geográficas: Concelho de Lisboa, Zona Norte do Tejo, Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal. A maioria da população desta região do país apresenta-se como crente e pertencente a uma religião (64,7%), com particular destaque para a área geográfica da Zona Norte do Tejo (67,6%), que atinge uma percentagem superior ao valor de referência da região. A percentagem da população sem religião é muito significativa (22%), sendo que no concelho de Lisboa este valor atinge os 28,3%.

A afirmação de um perfil novo de crentes, correspondente aos que se descrevem como não pertencentes a qualquer religião, reforça-se, com maior ênfase, na Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal (16,5%). Embora não seja viável a comparação linear com o estudo que se desenvolveu em 2011, dado que este detinha uma amostra nacional, deve notar-se que os crentes sem religião eram, nesta região, então denominada Lisboa e Vale do Tejo, 6,1%. O grupo constituído pelos católicos, com 55,4%, é o mais significativo nesta região e em todas as áreas geográficas em estudo, que apresentam valores próximos no tocante ao peso relativo desta posição religiosa.

O grupo composto por indiferentes representa 4,9% da população da Área Metropolitana de Lisboa, os agnósticos 6,9% e os ateus 10%. O conjunto constituído pelos não crentes (indiferentes, agnósticos e ateus) configura 22% da população desta região. No concelho de Lisboa, por exemplo, o grupo dos ateus representa 13% da população, os agnósticos 9,7% e os indiferentes 5,7%. Em conjunto estas três posições totalizam 28,4% da população do concelho de Lisboa, 20,7% da Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal, e 20,1% da Zona Norte do Tejo.

Apesar de ser esta a região que mais contribui para a diversificação religiosa do país, segundo o estudo que efetuámos em 2011, é necessário não perder de vista que os católicos, os crentes sem religião, os indiferentes, os agnósticos e os ateus compõem 90,7% das posições religiosas da população residente na região. As chamadas minorias religiosas, nesta amostra, ficam perto dos 10%. Mas isto não significa, necessariamente, que estejamos perante uma crescente diversificação no campo das identidades religiosas, geradora de comunidades distintas, territórios específicos e paisagens múltiplas, até porque, em muitos casos, se trata de minorias muito ativas. Nessa dinâmica de mudança, o conjunto plural constituído por evangélicos e outros protestantes, com uma percentagem de 5,1%, é o mais expressivo demograficamente. Importa referir, no entanto, que a sua distribuição neste território não é uniforme: na Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal este grupo atinge os 6,5% e na Zona Norte do Tejo os 5,4%. O concelho de Lisboa regista uma percentagem inferior, na ordem dos 2,4%. Em termos geográficos, a população integrada em grupos minoritários de matriz cristã é preponderante em áreas mais periféricas e fora da cidade de Lisboa.

A análise dos grupos religiosos não cristãos revela uma distribuição geográfica igualmente diferenciada. Na Área Metropolitana de Lisboa, estes grupos representam, no seu conjunto, 2% da população. No entanto, a maior percentagem concentra-se na Zona Norte do Tejo (2,8%), seguida do concelho de Lisboa, com 1,6%, e da Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal com 0,6%. Neste grupo, destacam-se os budistas e os muçulmanos, que se concentram na Zona Norte do Tejo. A observação de cada posição religiosa por área geográfica contribui para uma leitura da distribuição das identidades nesta região.

Quadro 1: Distribuição das posições religiosas por área geográfica da Área Metropolitana de Lisboa, em percentagem

Área de residência	Concelho de Lisboa	Zona Norte do Tejo	Zona Sul e P. Setúbal
Indiferente	24,1	55,2	20,7
Agnóstico	29,6	38,3	32,1
Ateu	27,1	50,8	22,0
Crente sem religião	18,7	48,4	32,9
Católico	20,4	54,1	25,5
Evangélico/Protestante	10,2	55,9	33,9
Ortodoxo	16,7	66,7	16,7
Testemunha de Jeová	20,0	40,0	40,0
Outra confissão cristã	33,3	50,0	16,7
Budista	22,2	77,8	0,0
Muçulmano	10,0	80,0	10,0
Outra religião não cristã	25,0	50,0	25,0

Fonte: *Identidades religiosas na Área Metropolitana de Lisboa* (CITER 2018)

De uma forma genérica, a população desta região tem uma experiência pronunciada de mobilidade territorial, uma vez que a grande maioria (67,6%) não é natural da sua atual freguesia ou concelho de residência. Apenas a população do concelho de Lisboa tem uma relação mais estável com o seu local de nascimento: 52,1% é natural desse município, enquanto que 48,8% é natural de outro concelho ou de outro país. A população da Zona Norte do Tejo e da Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal revela uma relação menos estável com estes territórios. Veja-se o caso da população da Zona Norte onde 74,7% da população não é natural desta área geográfica. Na generalidade, em todas as posições religiosas, é superior a percentagem de população que não é natural do atual lugar de residência, demonstrando que a experiência de mobilidade territorial é uma característica desta região, independentemente da posição religiosa. No entanto, esta tendência é mais expressiva no contexto das chamadas minorias religiosas.

Se se observarem os dados relativos à naturalidade da população inquirida, descobre-se que 32,4% é natural da sua área de residência, 52,4% natural de outros concelhos de Portugal e 15% tem nacionalidade estrangeira. No que diz respeito aos outros países, a população é maioritariamente natural de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, do Brasil e de países da União Europeia. A grande maioria dos católicos nascidos no estrangeiro provém de África (66,7%). No caso dos evangélicos/protestantes, destaca-se o Brasil (65,8%). Quanto às Testemunhas de Jeová, África (66,7%) e Brasil (33,3%) são a sua principal origem. Já os muçulmanos vêm sobretudo de África (66,7%) e da Ásia (33,3%)

Apesar de 2/3 da população não ser natural desta região (67,6%) e de, conseqüentemente, a sua estrutura populacional ser definida por indivíduos provenientes de outros concelhos do território nacional e de outros países, verifica-se que uma larga maioria da população reside há mais de 10 anos no atual local de residência (54,4%). Se a este valor somarmos a percentagem da população que sempre viveu no local onde reside atualmente (12,7%), verifica-se que 67,1% do total da população tem uma relação muito estável com o seu lugar de residência. Daqui se depreende que a população da Área Metropolitana de Lisboa está inscrita de uma forma durável e estável nesse lugar, e que tem condições para estabelecer vínculos com as diferentes instituições e comunidades que determinam os dinamismos sociais locais, incluindo as religiosas. Deste conjunto de posições religiosas destacam-se os católicos: 71% vive, há mais de 10 anos, no atual local de residência. Por seu lado, a maioria da população integrada nas chamadas minorias religiosas, reside há menos anos na sua atual residência.

Ideias-chave

- » Os católicos, os crentes sem religião, os indiferentes, os agnósticos e os ateus compõem 90,7% das posições religiosas da população residente na Área Metropolitana de Lisboa.
- » A população integrada em grupos minoritários de matriz cristã é preponderante em áreas mais periféricas e fora da cidade de Lisboa.
- » A maior parte dos não cristãos concentra-se na Zona Norte do Tejo (2,8%).
- » A grande maioria dos inquiridos (67,6%) não é natural da sua atual freguesia ou concelho de residência.
- » Os naturais de outro país vieram maioritariamente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, do Brasil e de países da União Europeia.
- » 71% dos católicos vivem, há mais de 10 anos, no atual local de residência.

3. Sociabilidades e estilos de vida

Práticas de fim de semana

Pelo facto de várias práticas que materializam a pertença religiosa estarem associadas ao fim de semana, é importante caracterizar os hábitos mais representados. As práticas de fim de semana mais destacadas são as que se concretizam no espaço doméstico, nomeadamente o descanso (45,2% dos casos) ou o cuidado da casa (34,4%). Destacam-se também as práticas de lazer familiar sob a forma de passeio (33,3%) e o ato de receber e fazer visitas (17,7%). No entanto, deve sublinhar-se também a preponderância das práticas normalmente associadas a um estilo de vida urbano, como as compras (37,1%, a segunda prática mais habitual entre os inquiridos), jantar ou almoçar fora (20,3%), ou trabalhar (18,6%). Parece, portanto, haver uma certa polarização entre as práticas mais ligadas ao lar e à família e as outras mais associadas ao espaço não-doméstico e ao indivíduo (incluindo aqui o ato de ler livros, revistas ou jornais, em 21,5% dos casos). Abaixo destas, encontram-se as práticas religiosas rituais e coletivas (11,4%). O ato de ir à missa, ao culto ou a outro ato religioso, tem a mesma preponderância do que opções como «passar o fim de semana fora» ou «fazer desporto». Os itens «ida a um espetáculo», «saída à noite» ou «ter aulas ou estudar» são destacadamente os que menos preponderância têm nas atividades de fim de semana dos indivíduos.

Esta análise permite verificar que existem grandes similaridades entre as práticas de fim de semana dos sem religião e dos católicos – facto que evidencia que estes dois conjuntos populacionais transportam, sem expressivos contrastes, os traços mais configuradores das culturas do quotidiano, na sociedade portuguesa. Entre as quatro práticas mais recorrentes estão o descanso em casa, o cuidado doméstico, as compras e os passeios. As práticas cultuais têm particular preponderância nos evangélicos/protestantes e nas Testemunhas de Jeová. Não se perca de vista, todavia, que as práticas cultuais não têm a mesma articulação com o fim de semana em todas as comunidades de pertença religiosa.

Práticas de conversação religiosa no quotidiano

A presença do religioso nas interlocuções quotidianas é outro elemento relevante para a leitura das sociabilidades e estilos de vida dos indivíduos. Mais de metade dos respondentes não falou, no último mês, sobre assuntos religiosos. De um modo geral, o religioso parece ser entendido pelos inquiridos como algo reservado à sua esfera social mais íntima ou privada. Com efeito, relativamente aos inquiridos que afirmam ter falado de assuntos religiosos, descobrimos que os grupos destacadamente mais representados são a família (30,3%) e os amigos (25,5%). A percentagem relativamente mais baixa dos que falaram destes assuntos com colegas de trabalho (9,2%), vizinhos (5,1%) ou outras pessoas (7,5%) reforça a ideia de que as interlocuções religiosas quotidianas se circunscrevem, sobretudo, a zonas sociais de maior intimidade. Inversamente, elas tornam-se menos frequentes noutros circuitos sociais menos íntimos ou privados.

Ao cruzarmos estes dados com as posições religiosas, constatamos algumas *nuances* relevantes. Verifica-se que as chamadas minorias religiosas apresentam valores mais elevados quanto à presença do religioso na retórica pública. Dentro dos grupos religiosos, os católicos apresentam o valor mais baixo, estando, aliás, relativamente próximos do grupo dos crentes sem religião. Contudo, em todas as posições religiosas existe uma tendência geral de vincada diminuição da conversação quotidiana sobre assuntos religiosos, com pessoas que não pertencem aos círculos familiar e de amizade.

O papel da posição religiosa na constituição de redes amicais

Quando se perguntou à população desta amostra qual a posição religiosa da maior parte dos seus amigos observou-se que há uma grande proximidade entre a posição pessoal e a das redes amicais, indiciando o que já foi sublinhado por outras investigações – que as crenças religiosas influenciam bastante o desenvolvimento de relações pessoais e de amizade. Através de uma análise mais aprofundada dos dados descobriu-se que os católicos estão amplamente distribuídos pelas diferentes redes amicais de todas as posições religiosas – como seria de esperar, por constituírem a ampla maioria da sociedade portuguesa. Mas também é necessário destacar o facto de 16,1% dos inquiridos não terem respondido ou não terem sabido responder à pergunta sobre a posição religiosa da maioria dos seus amigos. Se relacionarmos esta observação com os resultados relativos à relevância dos assuntos religiosos na conversação quotidiana, torna-se necessário

considerar que, para um conjunto significativo da população, a posição religiosa do outro pode não fazer parte do conhecimento disponível.

Comunidades religiosas e contextos de ajuda

É frequente encontrar-se, nas comunidades de pertença religiosa, formas de mobilização dos recursos – materiais, espirituais, emocionais ou informativos – para assistir os indivíduos e as famílias em situações de emergência, ou no acompanhamento de vulnerabilidades diversas, ajudando a superar problemas quotidianos. Porém, o que mais sobressai na análise dos dados, diz respeito ao facto de a esmagadora maioria dos inquiridos não responder ou não saber responder se beneficiou de alguma atividade ou apoio das Igrejas ou outras comunidades religiosas nos últimos dois anos. Isto pode querer dizer que as pessoas não recorrem a esta rede ou então que a maioria não teve consciência de ter recebido esse apoio.

Este resultado exige que se repense, provavelmente, o modo como se constrói a própria pergunta. É importante ter em consideração, também, que os estudos sobre a ação social em Portugal têm mostrado, por exemplo, que muitos utentes de instituições de solidariedade social, pertencentes a um *habitat* institucional religioso, têm um défice de conhecimento quanto à implicação da própria comunidade religiosa na organização dessa ação. Dir-se-ia que esta zona de ação das Igrejas e outras comunidades religiosas tende a ser vista como um campo social autónomo, desvinculado do que se representa como ação religiosa – ação cultural,

instrução religiosa, apoio espiritual, etc. Quando se cruzam estes dados com as posições religiosas, verifica-se uma certa correspondência entre o envolvimento religioso (frequência à missa, ao culto ou outros atos religiosos) e a consciência de que se beneficia do apoio das Igrejas ou outras comunidades religiosas.

Ser diferente

Para se analisarem as representações que descrevem o lugar das crenças religiosas no sistema de valores dos indivíduos, foi-lhes perguntado se consideravam que a sua fé ou crença religiosa os faz sentir diferentes dos outros (crentes ou não crentes), relativamente a alguns aspetos das suas vidas. É significativo que, em média, nas questões relativas aos sistemas de orientação pessoal e à moral humanitária, haja mais de um terço dos inquiridos a considerar que a sua fé ou crença religiosa os torna diferentes. Por contraste, os valores mais baixos dizem respeito às questões relativas a uma moral cívica: por ordem decrescente, o «respeito pelos imigrantes e refugiados», a «ética profissional», a «participação cívica e política» e, por fim, a «honestidade no pagamento dos impostos». Sublinhamos ainda o facto de haver uma percentagem relativamente elevada de inquiridos que não soube ou não quis responder a esta questão, mesmo considerando as várias opções disponíveis. Isto pode denunciar que muitos não consideram que a sua fé ou crença religiosa seja um elemento particularmente significativo nas suas decisões nestas matérias.

Discriminação religiosa

A discriminação religiosa pode ser entendida como o ato de tratar uma pessoa de forma desigual ou injusta por conta de algum preconceito relativamente à sua crença, prática ou comunidade religiosa. Segundo os dados apurados, a esmagadora maioria dos indivíduos, praticamente 91%, tem a percepção de nunca ter sofrido qualquer tipo de discriminação baseada na sua posição religiosa. Entre os poucos que identificaram a vivência de situações de discriminação, o dado mais relevante passa pelo facto de isso ter sucedido, com maior incidência, junto das suas esferas de sociabilidade mais íntimas, ou seja, os amigos e os familiares. Parece haver uma correspondência entre o facto de, por um lado, os assuntos religiosos serem esmagadoramente falados e partilhados com as redes familiares e amicais e, por outro, o facto de a discriminação percebida advir, precisamente, das pessoas mais próximas.

Sociabilidades associativas

As formas de sociabilidade associativa podem ser entendidas como as conexões que as pessoas estabelecem, voluntariamente, com a vida das suas comunidades (locais, nacionais ou transnacionais). A pergunta sobre a participação associativa dos respondentes mostra que este dinamismo de sociabilidade não tem, nesta região, muita importância. Com efeito, mais de 72% dos inquiridos declarou não pertencer a qualquer associação. O baixo índice de associativismo em Portugal – um dos mais baixos da Europa – tem sido objeto de diversos estudos.

Apesar da fragilidade e dispersão associativa, existe uma preponderância relativa nas opções «sindicato ou associação profissional» e «clube desportivo». A seguir a estes encontramos as «associações de solidariedade e ação social», «associação ou grupo religioso» e «associação recreativa ou cultural». Inversamente, se não considerarmos as associações de estudantes, pois remetem, normalmente, para um tipo de associativismo muito específico, verificamos que o «associativismo político ou partidário» é o que recolhe menos respostas positivas entre os inquiridos. Ou seja, há uma maior frequência de formas de sociabilidade associativa profissional, recreativa e sociorreligiosa.

Observou-se ainda que não existe uma diferença significativa entre os pertencentes a uma religião (68%) e os sem religião (66%) no que respeita ao associativismo. A afiliação religiosa, ou a sua ausência, apesar de alguns matizes, não surge como um fator determinante no mapeamento da disponibilidade associativa dos residentes nesta região.

Ideias-chave

- »» As práticas de fim de semana mais destacadas são as que se concretizam no espaço doméstico: o descanso (45,2% dos casos) e o cuidado da casa (34,4%).
- »» A participação num ato religioso (11,4%) tem a mesma preponderância que opções como «passar o fim de semana fora» ou «fazer desporto».
- »» Mais de metade dos respondentes não falou, no último mês, sobre assuntos religiosos.
- »» A conversação quotidiana sobre assuntos religiosos tende a circunscrever-se aos círculos familiar e de amizade.
- »» Os católicos estão amplamente distribuídos pelas diferentes redes amicais de todas as posições religiosas.
- »» Mais de 1/3 considera que a sua religião influencia as suas atitudes face a questões relativas à orientação pessoal e à moral humanitária.
- »» 91% dos crentes inquiridos têm a perceção de nunca ter sofrido qualquer tipo de discriminação baseada na sua posição religiosa.
- »» Mais de 72% dos inquiridos declararam não pertencer a qualquer associação.

4. Crenças, atitudes e valores

Para analisarmos a relação entre as crenças religiosas e o sistema de valores dos respondentes pedimos-lhes que avaliassem as seguintes afirmações, utilizando uma escala de 1 (concordo totalmente) a 5 (discordo totalmente):

- a) Existência de um poder supremo;
- b) Existência e revelação de Deus;
- c) A ciência mostrou que Deus é uma criação humana;
- d) Não há um Deus pessoal, Deus é a natureza;
- e) Depois da morte, tudo acaba;
- f) A alma reencarna numa outra vida;
- g) Depois da morte encontraremos Deus;
- h) Jesus Cristo ressuscitou e venceu a morte;
- i) A vida é um dom de Deus, o ser humano não tem o direito de decidir quando deve morrer;
- j) O fim do mundo está próximo;
- k) A ciência e a técnica preparam um futuro melhor para a humanidade;
- l) A democracia é a melhor garantia para o futuro da humanidade.

Como se poderia antecipar, nota-se uma distinção muito clara entre os não crentes (indiferentes, agnósticos e ateus) e os crentes (incluindo os crentes sem religião). Assim, o primeiro grupo tende, em geral, para um desacordo em relação a questões que pressupõem a existência de Deus, mostrando uma inclinação para entender Deus como uma

criação humana ou para a identificação de Deus com a natureza. Por outro lado, este conjunto destaca-se por uma maior confiança em valores habitualmente considerados como seculares, tais como os relativos à ciência e à democracia.

Em termos gerais, os crentes sem religião aproximam-se mais dos pertencentes a uma religião do que dos não crentes. Este é o seu traço específico. Ou seja, no plano do crer, podem subsistir próximos de um universo religioso de referência, sem que isso se articule a formas de pertença. No que diz respeito à democracia, apenas as Testemunhas de Jeová exprimem uma falta de confiança na democracia enquanto opção política para o futuro. Como era de esperar, os budistas são os únicos que acreditam na reencarnação da alma depois da morte. Para além disso, discordam que o fim do mundo esteja próximo, à semelhança dos indivíduos não crentes. Logicamente, a crença dos budistas na reencarnação faz com que tendam a discordar fortemente da ideia segundo a qual «depois da morte, tudo acaba».

Um outro grupo, com certas particularidades em relação ao resto, é o dos protestantes/evangélicos. Estes mostram uma maior inclinação para desconfiar da ciência e confiam mais na possibilidade de encontrar Deus depois da morte ou na ressurreição de Jesus. É também este grupo que, ao lado dos muçulmanos, sublinha mais expressivamente que a vida é um dom de Deus. Neste sentido, não é surpreendente que estes dois grupos se destaquem na condenação da eutanásia.

O estudo foi aplicado no terreno numa altura em que os debates sobre a eutanásia estavam muito presentes na cena

pública. Perguntou-se aos indivíduos se concordariam com a possibilidade de provocar “a morte de uma pessoa doente” com a intenção de “pôr termo ao seu extremo sofrimento”. 5,2% dos respondentes aceitam a eutanásia em qualquer circunstância, 70,3% consideram-na aceitável dentro de certos limites e 18,6% julgam-na condenável em qualquer circunstância (5,9% não sabem ou não respondem).

Sabendo que houve pronunciamentos públicos de muitas instituições religiosas, de diferentes universos, condenando a eutanásia, durante a implementação do inquérito, importa compreender a distribuição destes resultados por posição religiosa. Há apenas dois grupos nos quais se verifica uma maioria que condena a eutanásia em qualquer situação: 68,7% dos muçulmanos e 62,9% dos evangélicos/protestantes são terminantemente contra a eutanásia. 67,9% dos católicos aceitam a eutanásia “dentro de certos limites” e 22,3% condenam esta prática em qualquer situação. Tendo em conta que muitos católicos estão bastante afastados de qualquer envolvimento institucional e comunitário, não surpreende este distanciamento em relação à posição oficial da Igreja Católica. No que diz respeito aos não crentes, a aceitação da eutanásia é particularmente notada entre os ateus: 90% destes está de acordo com esta prática em certas circunstâncias.

Ideias-chave:

- »» **No tocante a crenças e valores os crentes sem religião aproximam-se mais dos pertencentes a uma religião do que dos não crentes.**
 - »» **Os não crentes exprimem uma maior confiança em valores habitualmente considerados como seculares, tais como os relativos à ciência e à democracia.**
 - »» **70,3% dos respondentes consideram a eutanásia aceitável dentro de certos limites.**
-

5. Práticas orantes e práticas cultuais

Oração e meditação

Diferentes estudos, em diversos contextos, constatam que as práticas orantes constituem um dos comportamentos religiosos mais persistentes. Isto deverá explicar-se pelo facto de ser a prática mais moldável, adaptável e portátil, indo assim ao encontro das dinâmicas de individualização próprias das sociedades atuais.

Nos resultados apurados, é necessário sublinhar que 32,3% da população inquirida não apresenta indícios de qualquer prática orante. Por outro lado, 49,3% dos respondentes apresentam uma prática regular de oração. Os dados confirmam a observação recorrente segundo a qual a oração permanece um dos comportamentos religiosos mais persistentes, mesmo nas sociedades onde se encontram sinais evidentes de erosão de práticas explicitamente religiosas.

Grande parte da população inquirida neste estudo assume participar em práticas orantes. Estas apresentam traços de individualização e subjetivação; são solitárias, sem deixarem de ser solidárias; são preponderantemente espontâneas; são um elo determinante na circulação de dons entre os crentes e o ser divino (pedir, receber, agradecer, etc.), mas também um recurso na demanda de bem-estar; são práticas em que a comunicação com a transcendência convive com novas

práticas de oração e meditação como formas de integração numa unidade cósmica.

A vasta maioria dos inquiridos ora sozinha e no final do dia. Assim, as práticas orantes persistem como formas de ação características de uma religiosidade privada, particularmente no ocaso do dia. Tal evidência diz-nos algo sobre a experiência de oração, nas suas formas mais tradicionais, como prática devocional individual (mental, vocal e corporal), e como disciplina de interioridade particularmente ligada a esse limiar entre o quotidiano público e doméstico e o tempo do sono. Mas para além desses indícios de tradicionalidade religiosa, os dados apontam para a evidência de que as práticas orantes são facilmente moldáveis à experiência do indivíduo na sua autonomia e subjetividade, ao contrário de outras, mais formalizadas e mais dependentes de ambientes institucionais. A sua concentração nestas duas características – «sozinho» e à «noite» – pode explicar, pelo menos em parte, a persistência deste comportamento religioso.

Quando observamos as categorias que nos informam acerca do objeto da oração, a maioria das pessoas responde «peço pelos outros» (66,6%). Com um peso percentual inferior, apresenta-se o enunciado «peço por mim» (56,9%). Estas duas direções não se opõem. De algum modo, a oração tem como objeto, com frequência, a experiência de vulnerabilidade, que tanto afeta o praticante como os seus círculos de relações. Este aspeto da análise pode esclarecer-se observando a relevância da percentagem de indivíduos que diz agradecer graças/benefícios (52,7%).

Na lógica retributiva que caracteriza boa parte das práticas orantes, ao gesto do pedido corresponderá, ulteriormente, o gesto de agradecimento – esta transação simbólica é uma importante matriz da atividade religiosa. As formas mais difusas, como «contemplação» (7%), ou exógenas, como «meditação de tipo oriental» (6,1%), têm taxas de frequência comparativamente baixas. São mais relevantes as relativas ao bem-estar pessoal («procuro a paz interior»: 42,6%).

Na comparação entre as formas de oração mais espontâneas (52,2%) e as mais formalizadas (43%), dir-se-á que a improvisação toma o lugar da memória, uma vez que as primeiras prevalecem. No confronto entre modalidades de oração que evocam o ser divino, plural ou singular, ou outras entidades transcendentais (26%), e aquelas que apelam a uma experiência de índole cósmica (16,4%), afirmam-se as primeiras, mais tradicionais. Ainda assim, importa sublinhar que as práticas mais próximas de uma conceção cósmica ou naturalista de oração, correspondem a mundividências mais recentes.

Como seria de esperar, é entre os que não pertencem a nenhuma religião que encontramos as frequências mais baixas. Neste caso, o que é assinalável é o facto de, mesmo entre os não crentes, ser possível encontrar algum vestígio das práticas orantes, pelo que as mesmas poderão atestar a plasticidade própria dos comportamentos religiosos. Entre os crentes sem religião, que constituem uma espécie de periferia crente, encontramos resultados que os distinguem nitidamente, tanto dos não crentes, como dos indivíduos que dizem pertencer a uma religião.

No universo cristão, descobre-se um contraste sintomático entre católicos e evangélicos. Enquanto 81% dos evangélicos dizem orar «todos os dias», no universo dos católicos apenas 35,8% dizem fazê-lo diariamente. De forma simétrica, entre os evangélicos, o número dos que nunca rezam é residual (1,7%). Esse número é muito mais significativo entre os católicos (13,3%), sendo comparável, neste aspeto, às Testemunhas de Jeová (13,6%). Esta aproximação pode decorrer do facto de, nestes dois grupos, existirem periferias com um certo distanciamento das práticas religiosas, tanto orantes como cultuais. Porém, esta proximidade já não se verifica nas outras categorias, onde, apesar de uma grande distribuição das posições, encontramos uma mais intensa atividade orante.

Mais do que no campo católico, «orar» é, no campo evangélico, uma vivência nuclear na construção da identidade crente, unindo, num contínuo religioso, a interioridade do indivíduo, o espaço doméstico e a sua experiência comunitária. Apesar de estarmos perante um número de respondentes muito baixo, pode afirmar-se que os muçulmanos apresentarão, tendencialmente, frequências elevadas na prática da oração diária, uma vez que esse comportamento religioso é nuclear no regime de observâncias que descreve o quotidiano islâmico. Neste contexto, podemos dizer que a oração é uma civilidade quotidiana.

A prática cultural comunitária regular

A prática cultural regular tem sido um fenómeno bastante estudado, quase sempre na perspectiva da sua erosão. De uma forma geral, é necessário afirmar que entre todas as posições

de pertença religiosa se encontram importantes conjuntos de crentes que nunca frequentam o culto comunitário regular (neste estudo, entre 6,7% e 55,6%). No contexto das grandes Igrejas e comunidades com forte impacto demográfico, nos países europeus de maioria católica ou protestante, este tem sido um indicador muito usado para evidenciar a desfiliação de muitos crentes.

Na Área Metropolitana de Lisboa, 15,8% dos católicos declaram ir uma vez por semana ao culto. Mas, tendo em conta a autonomia com que parte dos católicos gere o seu regime de observâncias cultuais, é importante destacar a percentagem dos indivíduos que declaram frequentar o culto comunitário entre uma a duas vezes por mês (13,3%). Por oposição, as chamadas minorias religiosas apresentam um dos sinais da sua vitalidade na frequência do culto comunitário, estando amplamente documentada nos evangélicos/protestantes, particularmente. A prática cultural comunitária, no seu ritmo semanal, surge referida por 25% dos pertencentes a esta confissão, enquanto 35% declaram frequentar o culto comunitário mais do que uma vez por semana. Não se ignora que estes dados dependem da própria forma de organização do culto, no que respeita ao seu calendário e à sua periodicidade.

Lugares de culto

O espaço quotidiano da população crente é, em alguns casos, definido também pelos lugares de culto que, à semelhança de outras tarefas diárias ou semanais como trabalhar, estudar ou fazer compras, definem a primeira esfera de integração da

população no seu lugar de residência, na sua cidade ou na sua comunidade local. É a partir destes lugares que se organizam ou definem os seus hábitos diários, o seu conhecimento do território, os seus laços comunitários, em suma, as suas sociabilidades.

Segundo os resultados do inquérito, 67% da população crente pertencente a uma religião frequenta lugares de culto que estão localizados dentro da sua área de residência, enquanto 33% frequenta lugares de culto que estão fora do perímetro residencial. Nestas circunstâncias a população despende pouco tempo em deslocações, sendo os fluxos direcionados e menos distendidos no espaço. Daqui se depreende que o efeito «localização» tem uma importância acrescida quando se analisam as vivências religiosas da população. Mesmo no caso das práticas que incluem a mobilidade, os tempos de deslocação são preponderantemente curtos. Existe, assim, uma sobreposição entre o espaço de residência e o espaço de culto, misturando-se, no mesmo território, os percursos e os fluxos inerentes às diferentes atividades quotidianas. Esta prioridade, dada à proximidade, reflete-se nas razões apresentadas pelos respondentes para frequentarem um determinado espaço de culto.

As decisões que privilegiam a valorização de outras dimensões da vida, como a integração e o sentido de pertença, são particularmente relevantes nos evangélicos/protestantes. Para 46,4% dos inquiridos evangélicos/protestantes é nos lugares de culto que frequentam que encontram pessoas amigas ou pertencentes a grupos dos quais fazem parte. 39,3% deles “consideram que essa é a sua comunidade”.

Sublinhe-se também que, no presente estudo, apenas uma pequena parte da população inquirida entende a frequência dos lugares de culto como uma obrigação (1,4%). A crescente autonomia face às instituições religiosas, a par da liberdade crescente no que diz respeito às práticas crentes, faz com que as questões religiosas sejam cada vez mais uma opção pessoal e não uma obrigação.

Ideias-chave:

- »» 49,3% dos respondentes apresentam uma prática regular de oração.
 - »» 15,8% dos católicos declaram ir uma vez por semana ao culto.
 - »» As chamadas minorias religiosas apresentam um dos sinais da sua vitalidade na frequência do culto comunitário, destacando-se os evangélicos/protestantes.
 - »» 67% da população crente pertencente a uma religião frequenta lugares de culto na sua área de residência.
-

Conclusão

- Na Área Metropolitana de Lisboa, um pouco mais de metade da população declara-se católica (54,9%). Esta região apresenta-se, assim, como uma das regiões onde o peso relativo dos católicos é menor. Em contrapartida, o número de indivíduos que declara não pertencer a nenhuma religião é cada vez mais significativo, situando-se em quase 35%. Dentro deste grupo, o peso dos não crentes aproxima-se dos 22% e o grupo dos crentes sem religião ultrapassa ligeiramente os 13%, confirmando a sua tendência de afirmação. O conjunto dos crentes fora do universo católico ascende aos 9,2%, número que mostra alguma estabilidade relativamente aos dados anteriores. É então possível afirmar que, nesta região, se verifica uma diminuição da maioria histórica dos católicos, a progressão dos sem religião e a estabilização, em termos gerais, do conjunto das chamadas minorias religiosas.
- A maior parte população inquirida conheceu na infância, quer na escola, quer na família, algum tipo de socialização religiosa. Essa socialização primária pode contribuir para um mínimo de literacia religiosa e para a manutenção de uma memória religiosa familiar, mas não garante a reprodução das posições religiosas. Para além dos católicos, os sem religião, as Testemunhas de Jeová e, em menor número, os evangélicos/protestantes, conheceram uma ascendência católica.

- Não abundam as trajetórias de alteração de posição religiosa ao longo da vida. Um pouco mais de metade da população inquirida nesta região não conheceu qualquer alteração da sua posição religiosa. A alteração mais acentuada diz respeito aos que deixaram de ser praticantes, mas continuam a acreditar (perto de 24%), indiciando uma certa desarticulação entre crer e pertencer. Os respondentes sem religião autocompreendem-se a partir de referências à convicção pessoal e à sua discordância face à doutrina e aos códigos morais religiosos. Mas isso não os conduz ao desinteresse pelas questões religiosas, na sua dimensão pública.
- A região de Lisboa é marcada pela experiência da mobilidade territorial. 32,4% da amostra é natural da sua área de residência, 52,4% natural de outros concelhos de Portugal e 15% tem nacionalidade estrangeira. No que concerne aos cidadãos estrangeiros, a população é maioritariamente natural de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, do Brasil e de países da União Europeia. Quanto aos católicos nascidos no estrangeiro, África é a sua principal origem (66,7%). No caso dos evangélicos/protestantes, sobressai o Brasil (65,8%) como país de origem. A vasta maioria das Testemunhas de Jeová nascidas no estrangeiro provém de África (66,7%) e do Brasil (33,3%). Os muçulmanos nasceram sobretudo em África (66,7%), mas também na Ásia (33,3%).
- As práticas de fim de semana estão entre os fatores que mais caracterizam os estilos de vida. O estudo deu conta de uma certa polarização entre as práticas mais ligadas ao espaço doméstico e à família e as atividades mais associadas ao

espaço não-doméstico e ao indivíduo. As práticas religiosas rituais e coletivas não chegam a 12% dos casos. O ato de ir à missa, ao culto ou a outro ato religioso tem um peso similar a outras práticas, como «passar o fim de semana fora» ou «fazer desporto». Em todo o caso, continua a ser mais frequente do que ir a um espetáculo, sair à noite e ter aulas ou estudar. Em termos gerais, é possível dizer que, para uma grande parte da população, a frequência de contextos culturais não faz parte da cultura do fim de semana.

- Encontram-se alguns indícios de privatização do religioso. Mais de metade dos respondentes não falou, no último mês, sobre assuntos religiosos. Genericamente, o religioso parece ser entendido pelos inquiridos como algo reservado à sua esfera social mais íntima ou privada. Neste contexto, há diferenças importantes entre os católicos e os crentes sem religião e as chamadas minorias religiosas.
- Na análise sobre as redes de amizade, descobriu-se que os católicos estão amplamente distribuídos por todas as posições religiosas – como seria de esperar, por se tratar de uma maioria amplamente inscrita nesta sociedade. Mas também é necessário destacar o facto de um pouco mais de 16% dos inquiridos não saber ou não ter querido responder à pergunta sobre a posição religiosa da maioria dos seus amigos. Relacionando esta observação com os resultados relativos à importância dos assuntos religiosos na conversação quotidiana, torna-se evidente que, para um conjunto significativo da população, a posição religiosa do outro pode não fazer parte do conhecimento disponível.

- O inquérito mostrou dificuldades em captar o lugar que as Igrejas e outras comunidades religiosas desempenham nas redes de ajuda. Tendo em conta o que se conhece de outros estudos, parece existir uma dificuldade em identificar o enquadramento religioso de muitas ações neste domínio. Quando se cruzam estes dados com as posições religiosas, descobre-se uma certa correspondência entre o envolvimento religioso (frequência à missa, ao culto ou outros atos religiosos) e a consciência de que se beneficia de apoio das Igrejas ou de outras comunidades religiosas.
- Com frequência, o senso comum descreve a sociedade portuguesa como um contexto facilitador da tolerância para com outras etnias e religiões. Neste estudo, a esmagadora maioria dos indivíduos, praticamente 91%, afirma nunca ter sentido qualquer tipo de discriminação baseada na sua posição religiosa. Entre os poucos que dizem ter sido vítimas de situações de discriminação, as ocorrências tendem a concentrar-se nas esferas de sociabilidade amical e familiar.
- Como seria de esperar, é no domínio das crenças que se evidencia um contraste maior entre os não crentes (indiferentes, agnósticos e ateus) e os crentes (incluindo os crentes sem religião). Por um lado, o primeiro conjunto tende a discordar das afirmações que pressupõem a existência de Deus, mostrando uma inclinação para entender Deus como uma criação humana ou ainda para a identificação de Deus com a natureza. Por outro lado, mostra uma maior confiança na ciência e na democracia. Regra geral, os crentes sem religião aproximam-se mais dos pertencentes a uma religião do que dos não crentes. É nos crentes sem

religião que mais se aprofunda uma certa desarticulação entre os planos da crença e da pertença.

- As práticas orantes são um dos mais relevantes indicadores de religiosidade. Segundo este estudo, 32,3% da população inquirida não apresenta indícios de qualquer prática orante, enquanto 49,3% apresentam uma prática regular de oração. Observou-se que as práticas orantes tendem a distribuir-se por uma grande parte da população inquirida, sob formas preponderantemente individualizadas e espontâneas.
- A prática cultural distribui-se de forma precária nesta população. 15,8% dos católicos declaram ir uma vez por semana ao culto. Mas, tendo em conta a autonomia com que parte dos católicos gere o seu regime de prática cultural, é importante não esquecer o peso dos que declaram frequentar o culto comunitário uma a duas vezes por mês (13,3%). As frequências relativas à prática cultural dos evangélicos/protestantes documentam a vitalidade destas comunidades. A prática cultural comunitária, no seu ritmo semanal, é mencionada por 25% dos pertencentes a este conjunto denominacional. Para além disso, 35% destes fiéis declaram frequentar o culto comunitário mais do que uma vez por semana.
- A religiosidade tende a ser uma prática de proximidade. 67% da população crente pertencente a uma religião, frequenta lugares de culto que estão localizados na sua área de residência e apenas 33% frequenta contextos culturais que estão fora do seu perímetro residencial. Nestas circunstâncias a população despende pouco tempo na sua deslocação.

- Neste estudo, apenas uma pequena parte da população inquirida entende que frequentar os lugares de culto é uma obrigação (1,4%). A crescente autonomia face às instituições religiosas, a par da liberdade crescente no que diz respeito às práticas culturais comunitárias, faz com que as questões religiosas sejam cada vez mais compreendidas como uma opção pessoal e menos como um dever ou obrigação.

Nota técnica

A conceção do questionário, bem como a definição da estrutura do projeto de investigação, esteve a cargo do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa (CITER). O processo de construção da amostra, aplicação do questionário e constituição da base de dados foi conduzido pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opinião (CESOP) da mesma universidade. Para além da Fundação Francisco Manuel dos Santos, este projeto contou com o apoio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e do Patriarcado de Lisboa.

O universo, neste estudo, é constituído pelos residentes da Área Metropolitana de Lisboa, com 15 ou mais anos. A amostra recolhida, de 1180 inquéritos válidos, é representativa da população residente nesta região. As freguesias da Área Metropolitana de Lisboa foram divididas em três grandes áreas geográficas: (1) concelho de Lisboa; (2) restante Zona Norte do Tejo; (3) Margem Sul do Tejo e Península de Setúbal.

Em cada freguesia foi escolhido aleatoriamente um ponto de partida para o caminho tomado pelos inquiridores. Cada um deles seguiu um caminho aleatório, aplicando intervalos pré-definidos para a seleção dos domicílios, na base da relação entre o número de famílias residentes nessas freguesias e o número de inquéritos a realizar. A seleção dos inquiridos foi realizada de modo aleatório, entrevistando sempre o residente no domicílio que, pertencendo à população-alvo,

tivesse 15 ou mais anos e fosse o próximo a fazer anos. Em situações de ausência desse indivíduo ou de recusa em participar no inquérito foram feitas novas tentativas de contacto em domicílios adjacentes. Assim que o inquérito fosse realizado, o passo de seleção do domicílio era retomado.

Os dados recolhidos foram ponderados de modo a reequilibrar a distribuição dos inquiridos por freguesia, sexo e idade, com base nos dados do INE. O instrumento de recolha de informação foi constituído por um inquérito estruturado, com perguntas fechadas, e aplicado através de uma plataforma de inquirição *online*. O total de 1180 entrevistas foi realizado entre 2 de junho e 15 de julho de 2018, durante a semana em horário pós-laboral (entre as 17h e as 22h) e ao fim de semana entre as 10h e as 19h. O erro máximo da amostra, com um grau de confiança de 95%, é de $\pm 2.9\%$.

O relatório final relativo a este inquérito será inteiramente disponibilizado em **ffms.pt**.

Abreviaturas

CERC Centro de Estudos de Religiões e Culturas da Universidade Católica Portuguesa

CESOP Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica Portuguesa

CITER Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa

INE Instituto Nacional de Estatística

Glossário

Autorrepresentação – É uma imagem do conhecimento que temos sobre nós mesmos, incluindo as crenças sobre a nossa personalidade, valores ou objetivos sociais.

Categoria – Conceito que permite dividir em classes ou grupos as ideias, os comportamentos, as práticas, os agentes, etc., a partir de determinadas qualidades.

Correlação – É usado no sentido mais geral de relação entre fatores, dinâmicas ou tendências que descrevem os fenômenos sociais.

Mediana – É um conceito estatístico que identifica o valor central num conjunto de informações ou amostra de dados.

Mobilidade social – Conceito que descreve o trânsito de indivíduos ou grupos entre posições sociais diferentes.

Nominalismo – No estudo das posições religiosas, este termo procura classificar a situação dos que declaram pertencer a uma religião, mas se revelam distantes de qualquer forma de objetivação prática dessa pertença.

Socialização religiosa – Processo pelo qual o indivíduo é mobilizado para uma trajetória de identificação com um grupo religioso, no tocante à crença e à pertença.

Para saber mais

Amaral, Bruno Vieira, *Aleluia!* Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2015.

Cruz, Manuel Braga da e **Guedes**, Natália Correia (ed.), *A Igreja e a cultura contemporânea em Portugal, 1950-2000*. Lisboa, Universidade Católica Editora, 2000.

Carvalho, Xénia Venusta de, *Identidade e memória na Comunidade Israelita de Lisboa*, Lisboa, ICS, 2014.

Clemente, Manuel, *Portugal e os portugueses*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2008.

Dix, Steffen, «As esferas seculares e religiosas na sociedade portuguesa», *Análise Social*, 45, 2010, pp. 5-27.

Dix, Steffen, «A visibilidade e a invisibilidade das pessoas *sem religião* na sociedade portuguesa», *Didaskalia*, 43, 2013, pp. 57-80.

Domingues, Frei Bento, *A religião dos portugueses*, Porto, Figueirinhas, 1988.

Mapril, José, *Islão e transnacionalismo: uma etnografia entre Portugal e o Bangladeche*, Lisboa, ICS, 2012.

Menendez, Millán Arroyo, «Religiosidade e valores em Portugal: comparação com a Espanha e a Europa católica», *Análise Social*, 42, 2007, pp. 757-787.

Monteiro, Teresa Líbano, «Fés, credos e religiões». In *História da vida privada*, Vol. IV, *Os nossos dias* (coord. Ana Nunes de Almeida), ed. José Mattoso, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 2011, pp. 278-307.

Santos, Luís Aguiar, «Pluralidade religiosa: correntes cristãs e não-cristãs no universo religioso português». In *História religiosa de Portugal*, Vol. III, ed. Carlos Moreira de Azevedo, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, pp. 339-501.

Teixeira, Alfredo (ed.), *Identidades religiosas em Portugal: ensaio interdisciplinar*, Lisboa, Paulinas, 2012, pp.147-253.

Teixeira, Alfredo «A eclesiosfera católica: pertença diferenciada», *Didaskalia*, 43, 2013, pp. 115-205.

Vakil, Abdool Karim, «Do *Outro ao Diverso*. Islão e Muçulmanos em Portugal: história, discursos, identidades», *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, 3, 2004, pp. 283-312.

Vilaça, Helena, *Da torre de Babel às terras prometidas: pluralismo religioso em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento, 2006.

Vilaça, Helena, *Imigração, Etnicidade e Religião: o papel das comunidades religiosas na integração dos imigrantes da Europa de Leste*, Lisboa, Paulinas, 2008.

Vilaça, Helena, «Novas paisagens religiosas em Portugal: do centro às periferias», *Didaskalia*, 43, 2013, pp. 81-114.

Autores

Alfredo Teixeira é Doutor em Antropologia Política (ISCTE-IUL) e Mestre em Teologia Sistemática (FT-UCP). É Professor Associado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa onde exerce o cargo de Diretor do Instituto de Estudos de Religião. Integra a Comissão da Liberdade Religiosa (Ministério da Justiça)

Helena Vilaça é doutorada em Sociologia (FL-UP), onde é Professora Auxiliar com agregação no Departamento de Sociologia. Em 2011, foi Professora convidada do Departamento de Teologia da Universidade de Uppsala (Suécia) e em 2013 foi eleita para o Conselho da International Society for the Sociology of Religion.

Jorge Botelho Moniz é bolsheiro de doutoramento em Ciência Política (FCT), especialidade de Teoria e Análise Política (FCSH/NOVA; UFSC). Entre 2014-2016 foi bolsheiro de doutoramento do *Erasmus Mundus Action 2 Programme* da União Europeia na UFSC. É correspondente nacional da rede científica EUREL (EUrope – RELigion).

José Maria Pereira Coutinho é Licenciado em engenharia agrónómica (ISA-UTL), Mestre em gestão de empresas e Doutor em Sociologia (ISCTE-IUL). Foi investigador da NÚMENA e é, atualmente, investigador integrado do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (UCP). Trabalha, preponderantemente, sobre crenças, práticas e atitudes religiosas no universo da juventude.

Margarida Franca doutorou-se em Geografia Humana (FL-UC). Atualmente trabalha na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro. Nesta instituição está envolvida em projetos de investigação financiados pelo H2020 e é coordenadora científica

de doutorados contratados pela CCDRC no âmbito de Bolsas de Ciência e Tecnologia.

Steffen Dix formou-se em Ciência de Religiões (enquanto cadeira principal, com especialização em fenómenos religiosos na literatura europeia), Filosofia e Filologia Portuguesa, e doutorou-se na Universidade de Tübingen em Ciência de Religiões. Nos últimos anos, trabalhou paralelamente sobre o modernismo em Fernando Pessoa (nomeadamente em relação aos seus escritos teóricos) e sobre a teoria da secularização (nomeadamente em Portugal).

Resumos da Fundação

1. **Igualdade de género ao longo da vida**
Coordenação: Anália Torres
2. **Encerramento de multinacionais**
Coordenação: Pedro de Faria
3. **Dinâmica empresarial e desigualdade**
Coordenação: Rui Baptista
4. **Diversificação e crescimento da economia portuguesa**
Coordenação: Leonor Sopas
5. **Qualidade da governação local em Portugal**
Coordenação: António Tavares e Luís de Sousa
6. **Identidades religiosas na Área Metropolitana de Lisboa**
Coordenação: Alfredo Teixeira

**“Como se descreve
a diversidade religiosa
na Área Metropolitana
de Lisboa?”**

**“Como se articulam
crenças e pertenças
religiosas?”**

**“E qual o papel da religião
nesta região?”**

